

A Cidade dos Espelhos

De Francisco Abreu



Ana vivia na vibrante Cidade dos Espelhos, onde as paredes de todos os edifícios eram feitas de cristais polidos. Mas não eram espelhos comuns. Eles mostravam às pessoas versões "perfeitas" de si mesmas: heróis sem cicatrizes, gênios sem dúvidas e belezas sem ranhuras. Enquanto todos celebravam suas imagens idealizadas, Ana caminhava com os ombros encolhidos, sentindo-se a única pessoa imperfeita em um mundo de mármore e luz.

O peso da comparação era como uma âncora invisível. Ana olhava para os reflexos dos outros e sentia que faltava algo nela. Por que ela sentia medo? Por que ela tinha dias de cansaço? Os espelhos diziam que ela deveria ser sempre produtiva, sempre brilhante, sempre impecável. Naquele mar de imagens distorcidas, a essência criativa de Ana estava se apagando, escondida sob o medo de não ser o suficiente para o que a cidade exigia.



De repente, um sussurro frio soprou em seu ouvido. "Olhe para eles, Ana. Você nunca será tão radiante quanto aquela imagem. Você é cheia de falhas." Era a Sombra da Ansiedade, uma figura feita de névoa escura e formas mutáveis que se alimentava de cada dúvida da jovem. A Sombra crescia a cada vez que Ana se comparava com o mundo ao seu redor, distorcendo sua visão e fazendo as cores da cidade parecerem ameaçadoras.



"Interessante como a mente gosta de criar labirintos de vidro", disse uma voz calma e profunda. Ana se virou e viu o Dr. Psi. Ele não olhava para os espelhos; ele segurava um pergaminho antigo e luminoso que chamava de Mapa do Inconsciente. O Dr. Psi tinha um olhar que não buscava a perfeição, mas a verdade. Ele era um observador atento, alguém que sabia que as respostas mais valiosas estavam escondidas no que as pessoas tentavam evitar.



Dr. Psi aproximou-se de Ana e estendeu o Mapa. "O que você vê aqui, Ana, não é o que o mundo quer que você seja, mas o que você sente que é." Ana tocou o pergaminho e sentiu um calor reconfortante. O psicanalista sorriu e fez a pergunta que mudaria tudo: "Quem você seria se não estivesse tentando impressionar ninguém?". O silêncio que se seguiu não foi vazio, mas cheio de possibilidades que Ana nunca se permitiu explorar.



A Sombra da Ansiedade rugiu, tentando cobrir os olhos de Ana. "Não ouça! A verdade é feia e comum! O espelho é seu amigo!", gritava a criatura. Dr. Psi permaneceu firme, sua presença agindo como um farol. Ele incentivou Ana a investigar seus sentimentos em vez de fugir deles. Juntos, eles começaram a perceber que as imagens nos espelhos da cidade eram apenas fantasias estáticas, máscaras que impediam as pessoas de realmente se conhecerem.



Guiada pelo Dr. Psi, Ana afastou-se das avenidas principais e encontrou, num beco esquecido, um espelho antigo com moldura de madeira simples. Estava coberto de poeira, longe da luz artificial da cidade. "Este", disse o Dr. Psi, "é o Espelho da Autenticidade. Ele não mostra o que você 'deveria' ser. Ele mostra o que você é agora". Ana sentiu um frio na barriga, mas, pela primeira vez, a curiosidade era maior que o medo.



Ana olhou. Viu seu cabelo um pouco bagunçado pelo vento, as pequenas sardas no nariz e a marca de uma cicatriz antiga no queixo. Viu o brilho de sua criatividade, mas também a sombra de sua tristeza. Era uma imagem real, cheia de nuances. Ao aceitar sua autenticidade, com qualidades e imperfeições, Ana sentiu uma força nova brotar de seu peito. Ela não precisava mais das fantasias de perfeição da cidade.



Ana caminhou de volta para a cidade, mas tudo parecia diferente. Os espelhos perfeitos não a incomodavam mais; eram apenas vidros sem vida. Ela agora carregava sua própria luz. Dr. Psi observou-a partir, fechando seu mapa com um sorriso satisfeito.